

RESENHA:

TRONCOSO, Hugo Cancino. *Chile: Iglesia y Dictadura 1793-1989. Un estudio sobre el rol político de la Iglesia Católica y el conflicto con el regimen militar.* Odense : University Press, 1997. 254 p.

Augustin Wernet*

Hugo Cancino Troncoso, doutor em Filosofia e Professor Titular de História da América e da Espanha na Universidade de Odense, Dinamarca – publicou, em 1997, este estudo sobre o papel político da Igreja Católica no Chile e o seu conflito com o Regime Militar. O período analisado começa em 1973, ano do golpe militar, e termina em 1989, ano do restabelecimento da democracia. O autor é especialista em História Contemporânea da América Latina e autor de várias obras que têm por tema problemas da América Latina Contemporânea, com destaque para: *Las Raices Historicas e Ideológicas del movimiento Sandinista. Antecedentes de la Revolución Nacional y Popular Nicaraguense, 1927-1979.* Odense : University Press, 1984; *Chile la problemática del poder popular en el proceso de la via chilena al socialismo, 1970-1973.* Aarhus : University Press, 1988 (Dinamarca). O próprio autor se envolveu, nos anos de 1960 a 1970, em movimentos políticos como “Movimiento Camilo Torres” e “Jovem Igreja” os quais representavam uma atitude de revolta e rebeldia frente à ordem estabelecida, e como movimentos nascidos dentro da Igreja, constituíram-se em críticos severos a setores da Igreja Católica que estavam comprometidos com esta ordem.

* Professor associado do Departamento de História da FFLCH/USP.

O livro *Chile: Iglesia y Dictadura, 1973-1989* tem a seguinte estrutura: I. Introdução; II. As relações entre Igreja, Estado e Sociedade Civil, 1833 – 1973; III. Igreja e Ditadura: da legitimação do golpe militar aos inícios do conflito entre o episcopado e o regime militar, 1973 – 1976; IV. Os conflitos entre a Igreja e a ditadura no período da institucionalização do regime, 1977 - 1980; V. A crise da ditadura, 1981 – 1984; VI. O papel da Igreja na fase final da ditadura, 1985 – 1989; VII. Conclusões a uma excelente bibliografia e índice de nomes.

No núcleo central do livro (Capítulos III. A VI.) encontra-se uma boa análise da relação entre a Igreja Institucional e o Poder Militar no Chile referente aos anos de 1973 a 1989. No Capítulo III apresenta-se o período em que a Igreja apoiou o golpe militar e legitimou a intervenção militar. Este apoio ao golpe militar e legitimação do regime militar era de curta duração e foi logo substituído por um posicionamento crítico que era uma atitude mais de acordo com a orientação da Igreja Universal, já marcada pela renovação feita pelo Concílio Vaticano II e pela opção preferencial pelos pobres feita por parte da Igreja Latino-americana na Conferência do Episcopado Latino-americano em Medellín – 1967. Mas mesmo assim, somente em 1977 (Capítulo IV) começou o período em que havia declaradamente hostilidade e conflito entre a Igreja Institucional e a Ditadura Militar. Nos de 1977 a 1981, a Igreja se transformou em “oposição por excelência”, começando a desempenhar sempre mais um papel político e posicionando-se a favor dos direitos humanos. O episcopado chileno foi, muitas vezes, a “voz dos que não tinham voz”. O Capítulo quinto aborda os anos de 1981 a 1984, período inicial da crise do Regime Militar, e o capítulo sexto se refere aos anos de 1985 a 1989, anos da crise final do Regime Militar. O autor enfatiza como sendo importante o papel da Igreja no processo da democratização e da reconstrução da sociedade civil e da cultura política democrática.

No estudo em questão a análise se refere à Igreja Institucional, ou seja, ao discurso e comportamento do episcopado, não analisando o agir da totalidade da Igreja, entendida num sentido mais amplo como “povo de Deus”: pessoas batizadas e crentes que se identificam com o catolicismo. Esta resrição é uma consciente opção metodológica”.

Portanto, a articulação do episcopado com base popular não aparece. Também a inserção do episcopado chileno no episcopado latino-americano não foi privilegiado, tampouco a questão de que modo e em que grau se fizeram presentes influências do Vaticano e de Conferências Episcopais de países católicos da Europa que se mostravam altamente preocupados com uma eventual “Segunda Cuba” ou a possibilidade de se estabelecer variantes de regimes socialistas/comunistas no maior subcontinente católico. Havia muito clero regular de origem européia no Chile que, de modo geral, se mostrou de tendência conservadora. É bom lembrar que desde a Revolução Russa de 1917, entre os inimigos da fé católica, figurava em primeiro lugar o comunismo ateu. A mensagem de Fátima contribuiu muito para isso. A Igreja sempre se colocava defensora do “mundo livre” cujos principais inimigos seriam mais regimes totalitários comunistas e menos – mas – também – regimes totalitários da direita. O mundo livre e a cultura democrática seriam as melhores garantias para o efetivo exercício da liberdade religiosa e da propagação da mensagem cristã.

Em outros países da América Latina, as relações entre a Igreja Institucional e os Regimes Militares tiveram percursos semelhantes ao no Chile. Havia ritmos diferentes e particularidades regionais e nacionais. O estudo de Hugo Cancino Troncoso constitui-se em valiosa contribuição para estudos comparados neste setor, mas sobretudo apresenta uma análise brilhante da dinâmica interna da evolução das relações entre Igreja e Regime Militar entre os anos de 1973 e 1989.